Itinerário de Getúlio Vargas

Manuel Lima Soares

O aniversário secular do nascimento de Getúlio Dorneles Vargas, em que todo o Brasil comovido e respeitoso reexamina a personalidade de um dos seus maiores filhos, já muitos anos distante das paixões que cercaram a sua vida e se multiplicaram no seu trágico desenlace, é uma oportunidade que não se deve perder, para formular novas apreciações, agora mais amadurecidas e muitos mais próximas da justiça de Deus na voz da História.

É de relembrar-se o gaúcho Getúlio Vargas, o terceiro filho de uma família de cinco varões, nascido na fronteira de São Borja, antiga São Francisco de Borja, velho núcleo missionário dos padres jesuítas, antigo integrante dos Sete Povos das Missões. Naquele rincão Getúlio viu a luz, a 19 de abril de 1883, filho de um casal bem formado, o General Manuel do Nascimento Vargas e a Senhora Cândida Dorneles. O pai fora combatente da Guerra do Paraguai, merecendo, por bravura, os galões de coronel. Também o avô paterno, Evaristo Vargas, pelejara ao lado do farroupilha Bento Gonçalves.

Manuel Vargas deveu o generalato a um ato de Floriano Peixoto, em recompensa às suas atuações nas lutas entre federalistas e republicanos, no seu Estado natal. Era ligado a Julio de Castilhos, o propagandista da república e ardoroso jornalista, além de exaltado adepto de Augusto Comte. Era o pai de Getúlio um homem de

visão larga, assinante de todos os jornais que podia obter e chefe do Partido Republicano em São Borja.

O menino Getúlio, criado em ambiente de largueza e de fartura, teve os seus dias de criança na bela estância Santos Reis, junto a uma simpática curva do Rio Uruguai. Quando já freqüentando a escola gostava de ouvir as conversas sobre política, mormente as que eram mantidas entre seu pai e o grande líder Pinheiro Machado, amigo da família, a quem não passou desapercebida a vocação do jovem Vargas. Enquanto isso demonstrava grande aptidão intelectual, destacando-se entre os colegas, sem esquecer o seu amor à vida do campo, saindo livremente pelos pampas, na faina de juntar as rezes e também atirando o laço, carneando ou montando potros bravios.

Muito impressionaram ao futuro estadista as lutas cruentas entre os "maragatos", do Partido Federalista, e os "pica-paus", do Partido Republicano, agremiações contrárias chefiadas em São Borja pelo seu tio Dinarte Dorneles e por seu pai, Manuel Vargas, respectivamente, isto nos idos de 1893, inimizade familiar que só veio a cessar em 1926, quando Modesto Dorneles, no leito de morte, pediu a reconciliação em torno de Getúlio Vargas.

Os primeiros passos na vida prática incluem o estudo de preparatórios em Ouro Preto e uma experiência militar no 6.º Batalhão de Infantaria, através de estágio para ingresso na Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo, em 1899, período de pouca duração, concluído com uma permanência em Corumbá, com o 25.º Batalhão de Infantaria, no aguardo de uma possível luta, pelo domínio do Território do Acre, entre o Brasil e a Bolívia.

Segue-se então a quadra de Getúlio acadêmico de direito, da privança com os amigos, dos estudos de filosofia e de literatura. Do "Clube Castilhista", da saudação a Afonso Pena, em nome da mocidade estudiosa do Rio Grande do Sul, do jornalismo moço e do início das atividades profissionais, onde na qualidade de Promotor Público da Comarca de Porto Alegre provocou verdadeiro escândalo ao alegar legítima defesa e solicitar absolvição para um operário que matara um boêmio por quem fora atacado.

Em 1909 ingressa Getúlio na Assembléia dos Representantes, candidato do Partido Republicano. Desde então começa a destacar-se pelo equilíbrio e pela calma. Foi um deputado estadual de muitas

idéias, defendendo com empenho a união dos povos americanos: "A América está destinada a desempenhar papel saliente, talvez preponderante, na política internacional, pelas condições de sua vida e de seu meio. Países novos, onde não existem ódios radicados, influxos das idéias liberais trazidas pela vitória dos princípios republicanos, ausência de privilégios de castas, são circunstâncias que têm concorrido grandemente para acentuar, neste Continente, tendências francamente liberais."

Aos quase 28 anos de idade Getúlio desposou Darcy Sarmanho, de apenas 15, moça de esmerada educação também nascida em São Borja, portadora de imensa bondade de coração, desde criança preocupada com a situação da classe pobre. Darcy e Getúlio formaram um par muito ajustado.

Ocorrendo uma vaga de Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul, em meados de 1922, Getúlio foi escolhido, eleito e reconhecido, sendo retirado do campo de batalha em que se digladiavam, em sangrenta revolta, os dois tradicionais partidos, o republicano e o federalista, e mais ainda a nova facção, chefiada por Assis Brasil. Obedecendo ordens de Borges de Medeiros, entregou o comando do 7.º Corpo Auxiliar Provisório a seu primo Deoclécio Dorneles Mota e preparou-se para ir defender os interesses do seu Estado na Câmara Federal.

Deputado Federal, no governo de Washington Luís, foi Getúlio convidado para Ministro da Fazenda, na composição de forças em que entrou o seu Estado e tendo em vista o conhecimento dos problemas financeiros do país, haurido durante a permanência na Comissão de Finanças da Câmara Baixa. Porém, um ano depois, Getúlio foi eleito para substituir Borges de Medeiros na presidência do Rio Grande do Sul, onde passou a voar com as próprias asas, sem aceitar a gaiola que lhe queria impor o velho caudilho.

E a todos começou a receber com igualdade, unindo e conciliando. Ao que tudo indica, os anos mais felizes da vida pública de Getúlio Vargas foram os que ele passou à frente do governo de seu Estado. E tanto é assim que de lá saiu para assumir a Presidência da República, movimentado por uma revolução vitoriosa, a de 1930, que baniu de vez o sistema republicano oligárquico-federalista, radicado no alternamento da hegemonia dos Estados mais poderosos,

economicamente, do centro-sul, o sistema da chamada República Velha.

Os fatos colocaram Getúlio como líder civil do movimento armado que fez ruir a República Velha. Apoiado pelos políticos da Aliança Liberal e pelo entusiasmo dos jovens *tenentes*, iniciou a urgente revisão básica no sistema político. Mas o que Getúlio sempre quis ser foi um renovador e não um preocupado com questiúnculas e vinganças pessoais. Suas diretrizes sempre visaram o bem comum e o engrandecimento da Nação. Isso se depreende do modo como conceituou o movimento: "A revolução não é a desordem, não é a anarquia, não é a perturbação das condições normais do país. A revolução que venceu em 24 de outubro de 1930 não se constituiu, apenas, das operações militares que a levaram ao triunfo; o movimento continua nas almas e prossegue no espírito daqueles que estavam desejosos de ver melhorada a situação do país. E para que se desvendassem os novos rumos do Brasil foi que permaneci entre vós, executando o programa da revolução; programa de ordem, de reconstrução, de renovação de forças vivas do país, de valorização e de engrandecimento do Brasil para os brasileiros."

Por obra de coalizão revolucionária, é possível resumir dizendo, sobretudo com base na substancial análise empreendida por Thomas Skidmore, que o Brasil depois de 1930 rompeu radicalmente com o liberalismo do *laissez-faire* da República Velha para seguir os rumos do estatismo, em que se sobressaía Getúlio Vargas, única saída cabível para os muitos e sérios problemas que necessitavam de ser corajosamente equacionados, como os do aço, do petróleo e da energia elétrica, entre outros. Em verdade, só depois de 1930 é que se veio a acender a polêmica sobre o desenvolvimento econômico brasileiro, aceitar a participação dos tecnocratas na pública administração e delinear os distintos grupos das diversas tonalidades que entre nós assumiu o nacionalismo.

Quando caiu a estrutura da República Velha o país permanecia esmagadoramente agrícola, haja vista o índice de 70% em 1920. Vargas, com os seus talentos, aceitou o desafio anteposto à sua liderança política. Quis encaminhar o Brasil no caminho histórico da modernização, no rumo da urbanização crescente e da indus-

trialização irreversível, cuidando ainda da educação, comunicando aos processos o seu estímulo e a sua visão pessoal de estadista.

Assim é que ainda na qualidade de Chefe do Governo Provisório cuidou Getúlio da criação de duas novas Pastas, a do Trabalho, Indústria e Comércio e a da Educação. Preocupado com a questão social, cogitava também o estabelecimento de escolas agrárias e técnico-industriais, o saneamento das usinas, dos campos da construção, de vilas operárias, da aplicação da lei de férias, da lei do salário mínimo, das cooperativas de consumo, entre outras aspirações da classe trabalhadora. Quanto à Educação, Getúlio só a entendia completa. Não apenas ensinar a ler, mas preparar a inteligência para as funções da atividade, desenvolvendo o raciocínio até mesmo para o desempenho do trabalho manual.

A divisão entre os revolucionários fundiu numa corrente única, na eclosão do movimento, aspirações díspares, onde se viram lado a lado, lutando contra a pátria velha, sinceros constitucionalistas e orgulhosos separatistas. A habilidade de Getúlio contornou também o impasse do levante paulista de 1932, com resposta final nas eleições de julho de 1934, quando o Congresso Nacional o elegeu Presidente da República.

Daí em diante, até 1937, quando instituiu o Estado Novo, Getúlio Vargas enfrentou crescentes radicalismos. A esquerda redobrava o vigor contestatório movimentando a Aliança Nacional Libertadora e o chamado *progressismo* nos sindicatos de trabalhadores. Na direita, a Ação Integralista Brasileira operava com muita desenvoltura. E a Aliança Liberal quase nenhum suporte político fornecia, haja vista que sua maior atividade ainda era derrubar o que restava da elite dominante e governante da República Velha. Entrementes, no panorama internacional, o liberalismo político e econômico perdia terreno a olhos vistos.

Tais radicalismos fizeram explodir em Natal e no Rio de Janeiro, em 1935, a intentona comunista. Um clima de agitação e demagogia passou a imperar no próprio Congresso Nacional e pelo país afora, agravado pelas campanhas de sucessão presidencial. Na realidade, as elites políticas e militares apoiavam uma solução continuísta, com a permanência de Getúlio Vargas. A classe média estava confusa e dividida. A livre competição política, face aos ex-

tremismos, tornara-se perigosa para a unidade e a segurança nacionais. O golpe de 1937 determinou assim o caminho histórico do Brasil numa conjuntura crítica, conforme apreciação de Thomas Skidmore.

O Estado Novo não dependia do apoio popular organizado e não exigia qualquer base ideológica estruturada. Era uma criação altamente pessoal. Foram outros os padrões de governo, ocorrendo mudanças irreversíveis nas instituições da vida política e da administração pública. Nele Getúlio se esforçou para substituir uma quase confederação, conforme tradição herdada da Constituição de 1891, por um executivo federal forte, tendência até hoje conservada, e que o levou a governar efetivamente, e a rapidamente transformar o país. Nesse sentido é que muitas funções foram transferidas para a área de competência federal, é que foram criados os institutos federais (mate, pinho, sal, açúcar e álcool), fortificada a previdência social e a organização de sindicatos trabalhistas, aumentado o contato federal direto em nível local, criado o Departamento Autônomo do Serviço Público (DASP) e crescido a organização burocrática.

Encarnando o mais alto sentimento de nacionalismo, Getúlio Vargas se transformou no símbolo vivo das reivindicações nacionais. Daí o grande apoio popular e o de muitos intelectuais evidentes, como Francisco Campos, Azevedo Amaral, Otávio de Farias e Oliveira Viana, numa mostra muito reduzida. Francisco Campos foi Ministro da Educação e o autor da Constituição de 1937. Azevedo Amaral, em *O Estado Autoritário,* coloca o "Estado Novo como o primeiro regime brasileiro que não foi simplesmente uma cópia de um modelo estrangeiro inadequado, como os ineficientes regimes liberais-democráticos do passado". E mais tarde descreveu Vargas como o Chefe da Nação cuja suprema e incontrastável autoridade tinha uma benéfica atividade educadora sobre a alma popular. Otávio de Faria foi dos primeiros a apoiar uma solução tipo Estado Novo. E o grande Oliveira Viana aplaudiu o autoritarismo de 1937, antes já tendo combatido, em *O Idealismo da Constituição,* a tendência brasileira para copiar sem exame, sem as devidas modificações de tempo e espaço, as formas políticas estrangeiras.

Sob a República Velha o Brasil exportava produtos primários e importava produtos manufaturados. A crise mundial da economia, em 1929, mostrou com toda a nitidez a dependência do Brasil em seus poucos produtos agrícolas de exportação, notadamente o café, cujos excedentes, comprados pelo governo, tiveram de ser queimados. O Estado Novo lançou a idéia da policultura ao lado da industrialização e procurou fortificar a procura interna como estímulo para o crescimento da indústria leve nacional. E enquanto professava o seu repúdio ao liberalismo político, igualmente estava determinado a se afastar do liberalismo econômico. Propugnava pela manipulação de incentivos e pela intervenção direta. Seu maior fruto foi o surgimento, em 1940, da Companhia Siderúrgica Nacional, com a edificação da manumental usina de Volta Redonda.

Entrando o Brasil na 2.ª Grande Guerra Mundial, aproveitou Getúlio Vargas a ocasião para uma mobilização econômica total, utilizando a ajuda norte-americana, por via da política da boa vizinhança, e a *New Deal,* de Roosevelt, efetuando o primeiro levantamento sistemático dos recursos brasileiros e servindo-se da motivação do esforço de guerra para implantar uma mais agressiva política de industrialização, visando conseguir "os elementos básicos para a transformação de uma vasta e esparsa comunidade agrícola em uma nação capaz de prover às suas necessidades fundamentais".

Getúlio Vargas, com uma política imposta do alto, foi o padrinho da industrialização brasileira e comprometeu todos os governos subseqüentes com a responsabilidade de dirigir a economia nacional em larga escala. De tal forma, é uma conclusão de Thomas Skidmore, que propositalmente citamos, como autoridade maior, nos dias atuais, no julgamento da Era de Vargas, por se tratar de um cientista social estrangeiro, pesquisador sério e da mais alta estirpe, situado fora dos emocionalismos, do preconceito e das prenoções, e sobretudo dos resquícios partidaristas, de tal forma que, repetimos, foi mais fácil derrubar Getúlio do que repudiar o seu legado.

Antes do ato de força de 29 de outubro de 1945, coordenado pelo mesmo Goes Monteiro que chefiara as tropas da revolução de 1930, Getúlio Vargas já se havia preparado para deixar o poder e já providenciara a devida legislação eleitoral. O que não pôde optar foi o movimento *queremista,* que desejava a redemocratização através

de uma *Constituinte com Getúlio*. Sua popularidade, seu carisma pessoal impelia as multidões para mais essa demonstração de estima. Isso desarvorou por completo os seus adversários, muitos dos quais perderam totalmente a compostura. Certamente sabiam eles, como o próprio Goes Monteiro veio a declarar em 1950, que se Getúlio fosse candidato, em 1945, poderia ter tranqüilamente vencido a eleição. Contudo ele entrega a presidência e retira-se para São Borja, inscrito no pleito para o poder legislativo, quando votação consagradora dá-lhe o mandato de deputado federal por sete Estados e de senador por São Paulo e Rio Grande do Sul. Assim, durante o Governo Dutra, a sombra de sua personalidade continuaria a dominar a política brasileira.

Na sua liderança sobre o Partido Trabalhista Brasileiro, Vargas procurou dissociar os correligionários de ligações com o comunismo, pois neste não enxergava qualquer resquício de idealismo construtor. Sendo um tipo de líder atraente, utilizando uma oratória simples e convincente, firmando-se em considerações econômicas eivadas de aliciante nacionalismo, Vargas foi o introdutor no Brasil do estilo populista.

E o trabalhismo que pregava nada tinha, fundamentalmente, de esquerda ou de direita, nem mesmo de socialismo, como chegou a dizer um de seus mais autorizados intérpretes, Alberto Pasqualini. Para o autor de "Bases e sugestões para uma política trabalhista" o essencial seria fazer a burguesia compreender que precisava ceder um pouco, diminuindo o egoísmo dos ricos, que pareciam cada vez mais cegos e mais surdos.

Sem guardar rancor dos inimigos políticos, perdoando e esquecendo mágoas das refregas partidárias, mas justificando o golpe de 1937 como única saída para evitar o mergulho do Brasil numa iminente guerra entre irmãos, Getúlio era o maduro estadista que o mundo político nacional ia visitar em São Borja.

E lá foram buscá-lo outra vez, com eleição a 3 de outubro de 1950. Na sua campanha se engajaram as velhas forças políticas do estilo tradicional e as massas populistas das cidades maiores. A oportunidade foi excelente para submeter a um julgamento nacional a sua prestação de serviços, desde 1930 a 1945. No jornadear de candidato, que então realizou pelo Brasil afora, reiterou a sua posi-

ção nacionalista, especialmente quanto à política econômica, secundando a posição obstinada que manteve no sentido de transformar uma nação "paralisada pela miopia dos governantes aferrados à monocultura extensiva e à exploração primária de matérias-primas", em nação positivamente industrial, prometendo ainda renovar o impulso perdido em 1945. Ao lado disso Vargas voltou a proclamar a necessidade de expandir e fortificar a legislação da previdência social, dentro dos cânones da doutrina social da Igreja, preconizando uma democracia dos trabalhadores. E o resultado foi deveras surpreendente, pois entre três candidatos Getúlio obteve 48,7% da votação total.

Retornando ao poder, Vargas teria que ser sensível às classes sociais em desenvolvimento, vez que se deparou com um país muito diferente do que havia governado como presidente autoritário. Os processos de industrialização e de urbanização como que haviam mudado a fisionomia da população, em grande parte. E o Presidente teve que levar em conta os diversos setores produzidos pelo desenvolvimento econômico descompassado. Mas mesmo assim persistiu na idéia da crescente industrialização, sem se comprometer irrevogavelmente com nenhuma estratégia, aferrado embora ao princípio de que para tanto seria imprescindível forte dirigismo estatal.

Para os muitos problemas imediatos, nos seus dois primeiros anos de retorno, Vargas atacou os da esfera econômica a curto prazo com uma política mista. Preocupava-se no campo interno com a inflação e as tensões sociais e no campo externo com o balanço de pagamentos e com os déficits. Teve, conseqüentemente, que ser receptivo ao investimento de capitais privados estrangeiros, sobretudo em associação com os nacionais. E para melhor aceitação de sua política econômica no exterior viu-se obrigado a adotar medidas cambiais mais flexíveis, fato que lhe acarretou muitos dissabores na política interna.

Depois de 1952 o Governo de Getúlio, quase sufocado pela pressão do balanço de pagamentos, classicamente dirigidos pela forma neoliberal do controle de preços e taxas livres de câmbio, passou a reclamar da prevalência das exigências estrangeiras, enfatizando a espoliação e a luta do Brasil contra os trustes internacionais, que faziam cruzeiros produzirem dólares e que obtinham em

nossa pátria lucros exorbitantes, prontamente remetidos para o estrangeiro.

Vargas passou a apelar para instituição de empresas públicas como instrumentos fundamentais da política de investimentos. E nesse sentido, ainda em 1951, remeteu ao Congresso um projeto-de-lei para a criação de uma empresa petrolífera, a Petrobrás. A discussão tomou um tom agressivo e movimentou todo o Brasil. O entusiasmo popular foi tamanho que o partido político que havia se comprometido com as orientações do neoliberalismo econômico optou pelo monopólio estatal. Igualmente Vargas propôs solução para a energia elétrica, a Eletrobrás, cujo projeto-de-lei, como grafou na sua carta-testamento, foi obstaculado até ao desespero, obstaculado pelas empresas privadas.

Continuando a manifestação de seu nacionalismo antiimperialista, Getúlio baixou um decreto impondo limite para as remessas de lucros das empresas estrangeiras para as suas matrizes no exterior, providências que a entidade monetária encarregada pouco cumpriu. O certo é que, ainda na análise de Skidmore, Getúlio assumiu uma posição dialética, procurando manter no governo o delicado equilíbrio entre a ortodoxia neoliberal em economia, enfatizada pelas autoridades financeiras internacionais e os investidores estrangeiros, e o seu genuíno nacionalismo antiimperialista.

Entretanto, com seu retorno político, Vargas acordara rancorosos adversários, que de forma alguma pretendiam se acomodar ao novo estado de coisas. Em relativa posição de vanguarda, Vargas enfrentava agora centristas desconfiados, direitistas exaltados e forças armadas em expectativa.

A luta começou antes da posse, com fracassada tese da maioria absoluta nas eleições presidenciais. Uma oposição irreconciliável regougava intermitentemente, liderada pelo vitriólico parlamentar e jornalista Carlos de Lacerda, mas onde se destacaram também Aliomar Baleeiro, Bilac Pinto, Afonso Arinos, Hamilton Nogueira, Otávio Mangabeira, Raul Pilar, Flores da Cunha, R. Magalhães Júnior, Rubem Braga e J. E. de Macedo Soares, sem falar na imprensa conservadora, representada pelo *O Estado de S. Paulo, O Globo, O Jornal* e a cadeia dos *Diários* e *Rádios Associados*. Em meio a

essa volumosa onda de amargas críticas, de discutibilíssima credibilidade, reduzia-se cada vez mais o campo de ação de Vargas.

A Guerra-Fria, levando ao choque armado da Coréia do Norte, veio dar ensejo aos oposicionistas em identificar o nacionalismo econômico com sentimento antiamericanista. E a busca de afirmação entre as correntes disputantes da direção do Clube Militar, tendo como pano de fundo a posição da oficialidade diante do nacionalismo, também teve conotação ideológica. E esses dois acontecimentos muito aumentaram as tensões sociais que repercutiram seriamente no governo de Vargas, que teve de buscar nova estratégia, com medidas de estabilização, como foi a reorganização do Ministério, em junho-julho de 1953.

Chamando Oswaldo Aranha para o Ministério da Fazenda, Getúlio Vargas tentou uma estabilização do custo de vida e um conseqüente combate à inflação. Com João Goulart (Jango) no Ministério do Trabalho voltou suas vistas para um substancial aumento do salário mínimo. É quando surge para o governo mais um motivo de intranqüilidade, com o famoso "Memorial dos Coroneis", denunciando, em síntese, que a administração preparava e anunciava medidas que beneficiariam apenas determinadas classes ou grupos, enquanto nas fileiras militares minguavam verbas para equipamentos e salários. Metralhado pela oposição e pressionado pelo memorial, Getúlio destituiu João Goulart, iniciando a sua perda de controle sobre o quadro político.

A oposição tendo conseguido derrubar Jango, voltou-se em nova arremetida contra Getúlio, nele depositando toda a culpa da crise reinante e acusando-o de manter ainda o desejo de continuar no poder, após o término do mandato, através de novo golpe. João Neves da Fontoura denunciou a existência de um pacto entre a Argentina, o Brasil e o Chile, o Pacto ABC, negociado por Getúlio e Jango, a fim de formar um bloco contra os EE.UU., no hemisfério ocidental. Dessa acusação infundada, aliás, é que partem os primórdios da propalada "república sindicalista", em que Getúlio e Jango, depois Jango, teriam desejado transformar o Brasil.

Persistiu o alarido oposicionista e foi requerido o afastamento do Presidente mediante *impeachment*. O Congresso, percebendo a hipocrisia dos motivos alegados, derrotou com segurança a farisaica

proposição. Convenceram-se finalmente os membros da oposição sistemática que não poderiam retirar Getúlio pelos meios legais. O Presidente, embora velho, cansado e impiedosamente combatido, somente pela intervenção armada poderia sair antes de cumprido o mandato.

Decidindo sobre o salário mínimo, Getúlio rememorou o cuidado que sempre tivera para com os trabalhadores, e concedeu-lhes um aumento de 100%, contrariando o Conselho Nacional de Economia, que recomendara 40%. E além do mais reafirmou a sua confiança na classe operária. O fato, para alguns estudiosos da queda de Getúlio, serviu para polarizar os descontentes, tendo sido um equívoco revelador de sério abalo no senso de equilíbrio do grande estadista. A reação que se articulou excedeu todas as expectativas. O próprio decreto de aumento do salário mínimo teve que ver sua legalidade declarada pela nossa mais alta corte de justiça, o Supremo Tribunal Federal.

E o que é mais grave é que se passou a tramar uma conspiração contra o governo, disto nos dando conta o livro muito conhecido de Pedro Vergara. Conforme expõem os modernos estudiosos do assunto, Getúlio de tudo sabia, mas continuava a despachar rotineiramente, parecendo envelhecido e cansado, nos seus setenta e dois anos bem vividos, reagindo morosamente às advertências que lhe faziam seus colaboradores mais diretos.

Desmandando-se cada vez mais nos seus ataques a Getúlio, a oposição pretendia deteriorar não apenas a posição política, mas a própria pessoa do Presidente, nesse tocante chegando Carlos Lacerda às raias do absurdo. Diversos amigos íntimos de Vargas decidiram silenciar o atrevido. E ao que consta das investigações, sem que Vargas soubesse, o General Mendes de Morais e o Deputado Euvaldo Lodi persuadiram a Gregório Fortunato, chefe da guarda presidencial do palácio, a tratar do assunto. Este delegou poderes a um pistoleiro profissional. E a 5 de agosto de 1954 saiu Carlos Lacerda levemente ferido e morto o seu acompanhante, jovem oficial da Aeronáutica, Major Rubens Tolentino Vaz.

Tal como confessou Etelvino Lins, "O trágico episódio da Rua Toneleros constituiu apenas a fagulha a deflagrar os dramáticos acontecimentos do mês de agosto. É visível a sua correspondência

com a morte de João Pessoa, em julho de 1930. Aqui e ali — digamos com todas as letras — o que havia era uma revolução em marcha".

Com os inquéritos abertos, especialmente o da Aeronáutica, a autoridade de Getúlio começou a esvair-se. Eduardo Gomes, Juarez Távora, Cordeiro de Farias, Canrobert Pereira da Costa, entre outros militares antigovernistas, manobraram entre os altos escalões, sendo entregues a Getúlio dois manifestos, um a 22 de agosto e outro a 23, exigindo a sua renúncia, declarando a corrupção criminosa que o teria envolvido e comprometido a sua autoridade moral, indispensáveis ao governo, o qual, continuando, poderia trazer ao país irreparáveis prejuízos, culminando em graves comoções internas.

Getúlio Vargas já havia dito que não renunciaria e que do palácio só sairia morto. Que estava muito velho para ser desmoralizado e já não tinha razões para temer a morte. E após a última reunião de seu gabinete, na manhã de 24 de agosto de 1954, voltando aos seus aposentos, detonou uma arma contra o seu coração.

Deixou entretanto para o povo, para os humildes, a sua carta-testamento, que é um depoimento candente do seu sofrimento, do seu ideal, do escorraçamento de que foi vítima, pelo fato de ter tentado seguir o destino de líder nacional. Nela manteve as idéias-forças pelas quais sempre se bateu, em benefício dos trabalhadores, procurando implantar uma filosofia nacionalista, voltando a acusar a campanha subterrânea dos grupos internacionais, aliados aos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. O holocausto de sua vida ele o ofereceu em substituição ao padecimento popular. Mais uma vez perdoou aos desafetos e concluiu com uma clarinada de concitação para a luta em prol de direitos que assegurem a liberdade de bem viver e resistir aos que nos malfazem.

Para os que lhe escutaram a voz, lhe apreciaram os gestos e lhe seguiram os passos, foi um chefe imortal, de palavra brônzea, porfiando pela emancipação política e econômica do Brasil, na qualidade de paladino dos trabalhadores. Inclinado para as soluções generosas, para o entendimento e para a paz, sempre procurou a ponte por onde vislumbrasse a chegada à alma do adversário e do inimigo. Não era teimoso, nem vaidoso, admitindo a pluralidade

de decisões. Assim se revelava o estadista. Apenas possuiu uma vontade de ferro no sentido de querer, a todo custo, a felicidade de sua gente.

Está encerrada a Era de Vargas. Atravessamos agora outro período. Mas sua influência ainda persiste, ganhando consistência nos programas partidários, no ordenamento burocrático, nas reminiscências populares, na ampliação da previdência social, nas reivindicações trabalhistas e no sentimento brasileiro de nacionalismo. E ninguém hoje põe em dúvida a sua atuação marcante como personalidade básica na formação do Brasil contemporâneo. Arguto, competente, temos que considerá-lo um valor prodigioso na direção do Estado.

Ademais, afetivamente Getúlio sobrevive. E nas recentes eleições, como num retorno ao passado, na observação de Raquel de Queiroz, de Gilberto Mestrinho a Tancredo Neves, os Governadores sufragados, incluindo-se Leonel Brizola, são todos antigos getulistas, o que leva nossa conterrânea a concluir que o povo, numa espécie de sebastianismo, está esperando que lhe devolvam Getúlio, com o seu mito e o seu carisma.

Na realidade, por ele chorou o povo, na hora da sua agonia, na hora em que a estrela se apagava, como disse o Poeta. E o dono daquele coração tão grande, capaz de abrigar todos os humildes de sua pátria, só poderia finar-se pelo coração. Por isso, falaram muito bem os que o exaltaram no momento extremo, quando compararam o seu coração ao coração de Salomão, que como rezam as Escrituras era tão dilatado como as areias das praias...

BIBLIOGRAFIA DE APOIO:

THOMAS SKDMORE — *Brasil: De Getúlio a Castelo* — Ed. Paz e Terra

NELSON WERNECK SODRÉ — *História Militar do Brasil*

GETÚLIO VARGAS — *A Nova Política do Brasil* — Liv. José Olímpio Ed.

GETÚLIO VARGAS — *A Política Trabalhista no Brasil*

PAUL FRISCHAUER — *Presidente Vargas* — Cia. Ed. Nacional

LICURGO COSTA — *Cidadão do Mundo*
ALZIRA VARGAS DO AMARAL PEIXOTO — *Getúlio Vargas, Meu Pai* — Ed. Globo
QUEIROZ JUNIOR — *Memórias Sobre Getúlio* — Ed. COPAG
AFONSO CESAR — *Política, Cifrão e Sangue* — Ed. Andes
ALBERTO PASQUALINI — *Bases e Sugestões para uma Política Trabalhista*
OLIVEIRA VIANNA — *O Idealismo da Constituição*
OLIVEIRA VIANNA — *Evolução do Povo Brasileiro* — Liv. José Olímpio Ed.
LUÍS VERGARA — *Fui Secretário do Povo Brasileiro* — Liv. José Olímpio Ed.
Revistas e Jornais das três últimas décadas